

# Recomendações de Viagem

Estas recomendações são fruto de enorme experiência de quem foi roubado em Paris, preso na Venezuela e atropelado por bicicleta em Pequim; já perdeu o passaporte no Iraque, teve bagagem extraviada em Camarões, ficou sem dinheiro em Londres, Milão, Roma e Bangui (República Centroafricana); sofreu discriminação em Veneza; teve conexão cancelada em Abjã (Costa do Marfim) e em Miami, em difícil situação; e se aventurou por uma estradinha lamacenta e sem recursos, por uma noite inteira trancado na escuridão do baú de um caminhão de biscoitos juntamente com 3 desconhecidos, perdido na floresta Amazônica do Equador; vivenciou centenas de imprevistos ao longo de 25 anos de viagens internacionais a 35 países diferentes.

Uma boa ilustração das dificuldades de quem viaja pode ser encontrada no capítulo “Serviços”, pp. 83 e seguintes, do livro *Mãe África*, deste autor, que pode ser baixado gratuitamente do site [www.africamae.com.br](http://www.africamae.com.br). Não deixe de ler.

## **1-Cópia do passaporte**

O passaporte deve ser copiado, a página principal e todas as demais que contenham anotações, principalmente vistos de entrada.

Se você perder seu passaporte em Paris, Roma, NY ou em outros lugares, dirija-se ao Consulado Brasileiro mais próximo. O serviço consular pode emitir outro se você apresentar cópia completa do que foi extraviado, sua carteira de identidade brasileira e o seu CPF. O Consulado comunica à Polícia Federal do Brasil o extravio de seu passaporte e emite outro. Em 3 dias pode resolver este problema e continuar viagem. Continuar? Continuar se for possível, porque você perdeu seus vistos de entrada em outros países, que não são trasladados para seu novo passaporte. Terá que correr atrás de outros vistos. E, certamente, não vai conseguir na totalidade, por mais que justifique. Obter vistos de entrada estando no exterior pode ser tarefa fácil, difícil ou impossível. Se o visto for para os Estados Unidos, é tarefa impossível.

Se não tiver cópia do extraviado e procurar o Consulado, este comunica a Polícia Federal Brasileira e espera 15 dias até que a PF permita que possa receber outro passaporte. Enquanto isso, você é uma pessoa suspeita e sem documento. Afinal, a polícia desconfia que possa ter vendido seu precioso passaporte a um fora da lei. No exterior, passaporte de brasileiro é preferido porque, no Brasil, temos gente de todas as raças, ou seja, de todas as caras.

Aconteceu comigo no Iraque. Perdi o passaporte e obtive outro com tranquilidade. Mas os vistos de entrada e de permanência no Iraque tiveram que ser obtidos novamente. Dá trabalho e leva alguns dias. Uns seis meses após esta dificuldade, um desconhecido telefonou informando que havia achado meu passaporte. Minha mulher perdeu o dela em Paris. E, mesmo tendo residência nos Estados Unidos, apartamento alugado, carteira do *Social Security*, conta bancária, matrícula na universidade e falando inglês com perfeição por ter mestrado nesta língua, apenas conseguiu um visto provisório de 3 dias,

tendo prometido regularizar a situação assim que chegasse a New Orleans, após uma discussão extenuante com o funcionário americano que a atendeu. Se não falasse um inglês perfeito jamais teria conseguido.

## **2-Passaporte no bolso**

Não ande sem o seu passaporte no bolso. Na bolsa, não! Ela pode ser roubada. Passaporte é no bolso. Se a polícia fizer uma batida e você for pego sem documento, será detido. Normalmente, policiais são pessoas rudes que falam, e mal, sua língua materna. A polícia só vai entendê-lo se você falar a língua local. Até que tenham a boa vontade de por você em contato com o seu Consulado, para que possa pedir ajuda ao Cônsul, você já dormiu na cadeia. E o Consulado não funciona aos sábados, nem aos domingos e feriados. E só as grandes cidades possuem consulados do Brasil. Os guardas vão rir de você, vão zombar, se não for maltratado. E ainda vai ser repreendido pelo Cônsul quando for libertado, 3 dias depois.

-Como alguém pode andar sem documento no bolso em país estranho?... Com este mundo cheio de drogas e de terroristas?...

Compre uma cinta de náilon, larga e fina. Nesta cinta, vestida sob a camisa, guarde seu dinheiro e o passaporte. No bolso, apenas o dinheirinho miúdo. Se possível, deixe na caixa-forte do hotel seus valores representativos.

Aconteceu comigo em Caracas, na Venezuela. Deixei o passaporte no hotel e saí para jantar. Ao deixar o restaurante, mais ou menos às 22h, fui detido pela polícia por falta de documentos. A delegacia estava movimentadíssima. Havia muitos na mesma situação. Inclusive uma moça, evangélica, que abriu a Bíblia e começou uma pregação interminável, identificando a ação policial à coisa do demônio. Tanto ela leu a Bíblia e tanto pregou, e tanto a polícia insistiu para que parasse, que acabou sendo solta lá pelas 3h da madrugada. Mas se recusou a sair dizendo que morava muito longe e que não mais tinha condições de retornar à casa por falta de ônibus naquele horário. E a pregação continuou até a exaustão da religiosa. Lá pelas 5h alguém do hotel me trouxe o passaporte e fui liberado.

## **3-Máquina fotográfica e filmadora.**

Ao sair do Brasil, registre na alfândega sua máquina fotográfica e a sua filmadora. Anote no documento de registro a marca, o modelo, o número e o ano de fabricação de seus equipamentos de imagem.

Mais tarde, se você for roubado no exterior, precisará deste documento emitido pelas autoridades brasileiras por ocasião de sua saída do Brasil. Se for roubado em seu quarto de hotel, com este documento emitido no aeroporto de embarque, você faz uma queixa à polícia local e, de posse do documento policial, o seguro do hotel reembolsa o valor correspondente à sua máquina fotográfica. Este processo de reembolso, na Europa, leva uns 8 dias. Mas, se não possuir um documento provando que possui estes bens...você se “ferrou”. Além do mais, o documento de saída de bens emitido no Brasil vai permitir que regresse com os mesmos sem ter que se explicar às autoridades brasileiras.

**Importante:** para registrar bens, na saída, chegue mais cedo ao aeroporto. Se estiver saindo em um domingo, ou feriado, poderá ter dificuldade em achar o funcionário responsável por este serviço. Ele poderá estar vendo o jogo do Flamengo em uma TV qualquer, escondido em uma sala, e não ser encontrado a tempo do voo. Pouca gente procura este serviço antes do embarque.

Em Paris, fui roubado no quarto do hotel. Num sábado, saí para jantar retornando lá pela meia-noite. No domingo, de manhã, ao me levantar, vi que tinham roubado a minha máquina fotográfica e os cheques de viagem. O gerente do hotel deixou o aconchego do lar e foi comigo à polícia registrar a queixa. Na segunda-feira, consegui do banco novos cheques de viagem, tendo apresentado o recibo de compra dos mesmos e o boletim de

ocorrência policial. Minha sorte foi encontrar em Paris uma agência do mesmo banco que me vendera os cheques em Belo Horizonte. Ser ressarcido pelo furto da máquina fotográfica levou 8 dias de burocracia: apresentei o documento de registro do equipamento no aeroporto do Rio, criteriosamente preenchido, com o número de série, modelo e ano. Na saída do Rio, para preencher este documento de saída, foi difícil encontrar o funcionário responsável pelo serviço: encontrei-o, após muita procura, no fundo de uma salinha vendo pela TV um jogo de futebol. Mas, ao ser ressarcido, o seguro me reembolsou apenas 60% do valor, porque a câmera fotográfica tinha 4 anos de uso. Consideraram 40% a depreciação do equipamento.

Sendo furtado em hotel, se estiver em um hotel 3 estrelas, será atendido diretamente pelo gerente, que irá com você à polícia e fará tudo por você, mesmo se for em um domingo, pois o hotel tem seguro para cobrir estas perdas. Se estiver em um hotel 5 estrelas, vão indicar-lhe o endereço da polícia e pronto. Não estão “nem aí” para o seu caso. O gerente do hotel nem vai aparecer: ele é muito importante. Vai ter que “se virar” sozinho. E, na polícia, se não falar bem a língua local, vai ter dificuldades. Já pensou, se estiver em Istambul? A língua turca não é parecida com nenhuma língua ocidental ou oriental. Embora os turcos atendam muito bem ao turista, poderá ter dificuldade.

#### **4-Carteira de motorista no exterior.**

Se for dirigir no exterior, providencie uma carteira internacional de motorista, antes de viajar. Não sei quanto custa hoje. Custava cerca de um salário mínimo, no Brasil. Em alguns países do mundo, o turista é tão bem recebido, que ao alugarem o carro eles dão, de presente, uma carteira internacional, bastando apenas que você mostre a sua carteira de habilitação brasileira.

Aconteceu em Istambul. A empresa que me alugou o carro surpreendeu-me com este presente.

#### **5-Aluguel de veículo**

Ao alugar um carro no exterior, é importante apresentar o seu cartão de crédito internacional. Sem este cartão, é provável que não aluguem o carro, nem pagando à vista e antecipado. Quem não tem cartão não merece confiança.

Foi em Saint Louis, nos USA: aluguei o veículo por uma semana. E, na hora de embarcar para a Europa, devido a imprevistos no trânsito, concluí que não havia tempo de entregar o carro na agência. Estacionei o veículo na entrada do aeroporto, em local que não me pareceu próprio, corri ao balcão da companhia aérea, despachei a bagagem e informei à empresa de locação. Deixei a chave no balcão de informações e embarquei sem assinar a fatura do cartão.

Sem burocracia, tudo deu certo, mesmo não tendo assinado a fatura

Como teria sido este aluguel de veículo se eu não tivesse cartão de crédito? Simplesmente, o aluguel, não teria sido possível.

#### **6-Se for a Israel...**

Se for a Israel, entre pela Jordânia, por Amã. As empresas de turismo jordanianas recebem muito bem o visitante. Irá de ônibus a Israel, que é pertinho. Inclusive, providenciam para que entre e saia de Israel sem que seu passaporte seja carimbado.

Se carimbarem o seu passaporte passará a ter dificuldades no mundo inteiro. Em muitos países que visitar terá que dar mil explicações à polícia local. Estará permanentemente sob suspeita. Não mais será aceito no mundo árabe até que troque seu passaporte. Há discriminação e suspeição.

Entrar em Israel vindo do Egito pode não ser bom. Depende muito de sua aparência, se é louro ou moreno...Se parecer árabe, poderá ficar detido na polícia israelense por 5, 6

horas, respondendo a mil perguntas. Se chegar via Amã, será acompanhado e defendido pela empresa de turismo pela qual viaja.

Quando eu morava em Bagdá, muitos colegas iam de avião a Amã, que era fácil, e barato. De lá, visitavam Israel sem carimbar o passaporte. O carimbo israelense bloquearia o regresso ao Iraque, coisa que não poderia ocorrer.

Um amigo, muito experiente em viagens internacionais, saiu do Brasil, visitou as pirâmides no Egito e foi do Cairo a Israel, pela empresa israelense de aviação. Ficou umas 5 horas respondendo todo tipo de pergunta em Telavive. Era a cara de árabe. E era brasileiroíssimo de origem. Mas, como o Brasil não vive em guerra, nós não temos malícia para desconfiar, que no exterior, as coisas são diferentes. Corroborando este tipo de malícia que no Oriente Médio é comum, vou relatar um fato que achei inusitado. Certa vez, estava eu em Foz do Iguaçu, para uma visita à grande barragem, a maior do mundo, acompanhando o Ministro da Irrigação do Iraque. E após a explanação do engenheiro que nos recebeu, perguntou o ministro:

-Há algum sistema antibombas que possa proteger a barragem contra artefatos submersíveis, que podem ser trazidos pela corrente do rio?

Foi um silêncio total. Como explicar ao ministro que brasileiros não pensam em guerra? Após esta visita a Itaipu, fomos a Brasília visitar o Presidente. Constatei que o presidente do Brasil possui segurança mínima. Seria fácil praticar um atentado. Mas, brasileiro não pensa nisso. Somos um povo de mente limpa e desarmada.

### **7-Cuidado com a aparência**

Quase todo turista americano usa bermuda, camiseta e sandália. Se for mulher jovem, usa camiseta sem sutiã. Pois fique sabendo que esta indumentária não é bem vista em meio mundo. Americano não é querido nem desejado em nenhum lugar do Planeta a não ser nos Estados Unidos. Não é recomendado que você pareça ser americano. Além disso, com essa vestimenta, como poderá entrar no Irã, na Turquia, na Índia, no mundo árabe?...Mostrar as pernas, deixar os seios aflorando sob a camiseta fininha é coisa indecente. Mesmo conseguindo entrar no país, como poderá visitar uma mesquita, um local sagrado? Como poderá entrar em um restaurante? Em muitos lugares usa-se manga comprida, saias abaixo dos joelhos, camisas bem abotoadas no peito...

A licenciosidade é natural na América. No Oriente, não.

Ande decentemente vestido dentro dos padrões locais. Usar jeans e tênis não é aconselhável no mundo árabe. Há preconceito. Mulher de calça comprida coladinha ao corpo é indecente. Pode ser considerada prostituta, ser vítima de bolinações, de galhofas, piadinhas de mau gosto, pode incrementar o rigor policial, pode ser detida para averiguações etc. Quando a mulher está vestida mostrando as pernas, ressaltando os contornos do corpo, a policia, no mundo muçulmano, detém essa pessoa, às vezes, apenas para retê-la à vista por algumas horas. E faz mil perguntas, insinuações deselegantes ou desrespeitosas.

Certa vez fui chamado a dar socorro a uma amiga brasileira detida pela polícia de imigração no aeroporto de Bagdá. A desastrada era mulher de um amigo. A polícia fazia a ela mil perguntas descabidas. Estava agitada, nervosíssima, chorando, tentando falar inglês misturado com árabe. Liberada após uns 50 minutos, ela tinha consciência de que fora detida por causa da calça justíssima, que denunciava um corpo muito bonito, emoldurado por um rosto atraente. Como era avançada, não abria mão da roupa insinuante por considerar direito adquirido da mulher moderna. Afinal, o machismo era demais! Mas, no mundo árabe, este tipo de roupa dá problema. E se tivesse sido presa? O juiz de plantão poderia ter aplicado o corretivo da lei. Aquele chicotinho que resolve em 10 minutos esse tipo de perturbação. Ninguém fica preso, porque os árabes são

contra a prisão para este tipo de delito. Mas o chicotinho<sup>1</sup> trabalha e o infrator volta pra casa de couro quente.

### **8-Revista pornográfica**

Ao passar pela polícia de imigração, cuidado com a revista que trás debaixo do braço! Ela pode ser considerada pornográfica e você passar pelo desconforto do confisco da mesma. Em Bagdá isto acontecia frequentemente. E a revista considerada pornográfica era uma revista semanal brasileira, que entre numerosos anúncios, trás publicidade de roupa íntima feminina, com aquelas fotos maravilhosas e insinuantes. Nada mais.

### **9-Vestindo-se para a alfândega**

No mundo inteiro, o funcionário da alfândega tem alguns segundos para desconfiar, ou não, de quem chega do exterior. Não há tempo nem número de funcionários para checar todas as bagagens. Por isto, muitos passam diretamente. Outros são checados. Se você estiver bem vestido, com terno azul e gravata, certamente não será molestado. Boa aparência ajuda muito. Chegue vestido de jeans e de tênis que a alfândega vai checá-lo, mesmo que seja em locais liberais, como no Rio de Janeiro. Chegue de terno azul, de sapatos pretos, que não será molestado. E o guarda alfandegário, ou o policial, ainda vai ficar muito honrado se você cumprimentá-lo! Pela elegância e sobriedade de sua roupa, certamente será tratado como um alto executivo acima de qualquer suspeita.

### **10-Vestindo-se para a polícia de imigração**

A regra contida no item anterior é aplicada. Lembre-se: mesmo você tendo visto de entrada, a polícia de imigração não é obrigada a deixar que entre no país. Se desconfiarem de você, poderá ficar detido no aeroporto por dois, três dias até ser repatriado. E ninguém poderá fazer coisa alguma para ajudá-lo. Você perde a passagem, suas reservas feitas e não será reembolsado. De nada vai adiantar a contratação de advogados para conseguir ressarcimento ou desculpas. Você “se ferrou”.

Se estiver em grupo, assegure-se que todos os membros do grupo viajem “bem vestidos” de acordo com os padrões locais. No aeroporto, não puxe conversa, nem se aproxime de pessoas “mal vestidas” porque pode se incriminar. Lembre-se que você é estranho em terra estranha e será julgado desejável, ou não, pela sua aparência após um minuto de observação porque ninguém tem tempo para estrangeiro. Conheço gente que foi embarcado de volta ao Brasil após ser humilhado em aeroporto canadense. Quando se fala mal a língua estrangeira do país que se pretende visitar, a pessoa não consegue se explicar e pode ter a entrada cerceada, apesar do visto no passaporte.

Vou contar um caso que me aconteceu.

Juntamente com meu chefe, estávamos no aeroporto internacional de Bagdá, embarcando para a Jordânia. O financeiro da empresa havia me entregado 10 mil dólares para cambiar por dinares iraqueanos em Amã, que é mercado livre. Naquele tempo, o dinar iraqueano valia um dólar em Amã e 3,4 no Iraque. A diferença era muito grande. O câmbio no Iraque era oficial e a punição para câmbio negro era muito pesada, uns 6 meses de prisão. Mas era proibida a saída de dólares do país, já que esses dólares tinham entrado irregularmente. O limite de saída era de 100 dólares por pessoa. Eu iria cometer um delito muito arriscado. Vesti terno azul, sapato preto, gravata de seda de cor discreta. Meu colega que não tinha intenção de praticar qualquer irregularidade, mesmo porque ele sempre foi corretíssimo, foi vestido com uma calça bege, sapato marrom e um lindíssimo casaco de couro. Estava muito elegante. No aeroporto, eu o repreendi.

-Você pretende sair de roupa marrom, livremente, neste aeroporto? Disse a ele.

A julgar pela vestimenta, eu seria um grande diretor de multinacional e ele um cidadão qualquer, embora louro, de olhos azuis. Seria vistoriado, com certeza. A fiscalização

---

<sup>1</sup> A lei islâmica usa o chicote para punir pequenos delitos. O expediente é rápido. O juiz de plantão manda aplicar a surra e libera o cidadão. Não deixam que a pessoa fique na cadeia.

estava rigorosa e não havia fila. Fomos vistoriados ao mesmo tempo, por dois agentes. Dirigi-me ao fiscal facilitando a busca e recebi a pergunta:

-Quantos dólares está levando?

-Uns duzentos mil dólares, respondi.

Ele sorriu e me mandou passar. Para a mesma pergunta, meu colega respondeu:

-Exatamente, cem dólares.

Foi levado ao biombo, teve que tirar a roupa, a cueca e as meias. Até os sapatos foram vistoriados detidamente. Ele estava tranquilo, mas ficou sem graça. E eu fiquei pensando no enorme risco ao qual me submetera, para fazer um favor.

Amigos me disseram que tive sorte, mas não acredito. Eu planejei a forma de passar pela fiscalização: a roupa, as respostas, a postura e a atitude mental acima de qualquer suspeita.

### **11-No aeroporto, não leve encomendas de terceiros**

Estando no aeroporto, não aceite encomendas para levar: pode ser droga ou coisa ilegal. Já vi gente de boa fé levar sangue humano congelado não sei pra quê, enganado, achando que fosse outra coisa.

### **12-Entrada nos Estados Unidos.**

Ao entrar nos Estados Unidos, declare com precisão o dinheiro que está levando. Não é proibido entrar com dinheiro naquele país. Eles gostam, quando você leva uma soma maior pra gastar por lá. Porém, se mentir ao fazer sua declaração e for flagrado na mentira, será preso e condenado. Mentir, nos USA, é crime. Ficar preso até ser condenado e não sairá da cadeia até cumprir a pena. E quando sair, será repatriado.

Se estiver levando guaraná, que lá não existe, ou polvilho (parece droga), ou farinha de mandioca, que também não existe por lá, declare. Declare certinho à alfândega. Você não vai pagar nada, vão vistoriar e vão deixar você entrar, sem demora. Mas, declare, não minta. Eles são rigorosos com quem mente à polícia.

Aconteceu comigo no aeroporto de Miami. Levei do Brasil farinha de mandioca, polvilho para fazer pão-de-queijo bem mineiro e guaraná. Entrei na fila da revista e passei rapidamente. Mas tive que explicar, afinal não conhecem farinha nem polvilho.

No Brasil, mentir às autoridades não é crime porque a lei brasileira garante a todo cidadão o direito de não fornecer provas contra si próprio. Mas nos USA, mentir às autoridades é crime.

### **13-Hotel barato**

Viajar com muito dinheiro é fácil. Mas, se estiver com pouco...

Ao chegar ao aeroporto, não procure por hotel. Os hotéis indicados pelos agentes aeroportuários são hotéis de luxo. Tudo neste local é caro. Chegando ao aeroporto, tome um ônibus, ou o trem, ou o metrô. No terminal de ônibus, no terminal de trem ou de metrô há um agente, funcionário público, que procura, por você, gratuitamente, um hotel dentro do seu orçamento. Este agente vai cobrar uma diária, adiantado, vai dar um recibo e vai encaminhá-lo ao hotel da forma mais barata.

Se você tiver identidade estudantil, de qualquer lugar do mundo, nas principais cidades européias existem albergues baratos para estudantes.

Os pequenos hotéis, ou pensões, na Europa, são limpinhos. É comum pensões com chuveiro ou banheiro dentro do apartamento. Se estiver em grupo, deixe o grupo com a bagagem na estação do trem, vá pessoalmente visitar a *pension* ou o *hotel-pension*, veja os apartamentos, reserve e retorne ao grupo. Você pode encontrar apartamentos grandes, limpos em lugares muito charmosos, em construções muito antigas. É claro, terá que subir escadas e carregar malas. Mas são estabelecimentos alegres e, muitas vezes, familiares, que não possuem *status* de hotel. Esses estabelecimentos não aceitam reservas feitas do exterior nem trabalham com os agentes encontráveis nos aeroportos.

O agente aeroportuário vai dizer que todos os hotéis de Paris estão lotados devido ao lançamento da moda de verão e vai tentar empurrá-lo a um hotel 5 estrelas, bem caro.

Compre um guia turístico, normalmente vendidos nas bancas de jornais. Nele encontrará preciosas informações sobre hotéis, restaurantes, meios de transportes e locais a serem visitados, com indicações de preços. Existem guias voltados para turistas ricos, com recomendações de hotéis luxuosos. E facilmente podem ser encontrados guias para turistas jovens, que pretendem viajar com poucos recursos, com informações indispensáveis.

Ao procurar hotéis, escolha a hora. Se sair à procura à noite, terá menor chance de encontrar vagas. Como as diárias hoteleiras encerram ao meio-dia, esta é a hora mais propícia para encontrar uma boa acomodação. Neste horário muita gente deixa os hotéis e sempre encontrará apartamentos melhores com mais facilidade.

#### **14- Antes de viajar, informe-se.**

Primeira informação: procure saber os nomes do pessoal do consulado brasileiro mais próximo, telefones, endereços para que saiba a quem recorrer se algo acontecer com você. Se estiver na área internacional do aeroporto, o número do telefone do consulado pode salvá-lo de uma dificuldade qualquer. Já pensou, se estiver no aeroporto de Lagos? O fiscal poderá prender seu passaporte e pedir propina para carimbá-lo. Poderá ser intimidado com repatriação. Neste aeroporto tudo já aconteceu.

#### **15-Visitas a templos sagrados**

Vá vestido de acordo com a moral local. Respeite os locais sagrados. Normalmente, brasileiros nem sabem o significado da palavra respeito. Mulher de calça comprida é comportamento desrespeitoso no mundo árabe. No templo, fale baixinho, não tire fotos. A reação do guarda pode ser violenta.

Nas grandes igrejas européias é comum se ouvir boa música, gratuitamente, em concertos vespertinos, boa hora para se relaxar e descansar um pouco. Informe-se no guia de turismo.

#### **16-Fotos**

Todo turista possui uma câmera fotográfica, mas nem sempre deve usá-la. Antes de fazê-lo, mesmo na rua, em lugares públicos, procure saber o comportamento dos locais a esse respeito. Em muitos países, o fotógrafo é mal visto. Pode estar fotografando as mulheres locais, atentando contra os costumes. Pode ser espião ou jornalista, daquele tipo que documenta para falar mal. Às vezes, é comum se pagar pela foto, e, neste caso, quem recebe a gorjeta ajuda o fotógrafo mostrando lugares deslumbrantes. Indicando bons restaurantes, taxistas amigos, capazes de quebrar galhos e resolver problemas.

#### **17- Táxi no aeroporto**

O serviço de táxi em todo aeroporto é caro, exceção feita a Amã: o táxi cobra menos de um dinar, o carro é um Mercedes e o taxista é honesto. Mas, em Roma é o contrário. Os italianos são cheios de truques e “passam a perna” no turista. E ainda discutem aos berros. Vá de metrô ou de ônibus. Pagará menos, terá mais conforto e não será roubado. O táxi do aeroporto é caro e nem sempre o taxista é gentil.

Mas, em Copenhague, eu queria comprar equipamento de pesca e o taxista acionou o rádio conseguindo os melhores endereços com inacreditável amabilidade e disposição para servir.

#### **18-Cartão de crédito**

Nos Estados Unidos, se você tiver cartão de crédito, poderá alugar um carro e poderá ficar no hotel quantos dias quiser. Mas, se não tiver cartão de crédito, a diária do hotel, via de regra, será pré-paga. Ao preencher a sua ficha na entrada, vão solicitar o número de seu cartão. Com este número, o hotel recebe a conta, mesmo se você abandonar o mesmo sem assinar a fatura. Ao alugar um veículo, poderá entregar o carro onde estiver,

sem assinar a fatura do cartão. Por outro lado, não possuindo cartão de crédito você será considerado uma pessoa sob suspeita.

### **19-Compra e devolução no Wall Mart, nos USA**

Já compramos nesta rede de lojas usando o cartão. Para devolver a mercadoria comprada erradamente, basta entrar na fila e preencher o formulário no item “a mercadoria não é exatamente o que eu esperava”. Não há que mostrar ou apontar defeitos. O caixa reembolsa em dinheiro a mercadoria devolvida, mesmo paga através de cartão de crédito. Não sei se este comportamento é generalizado nos USA. Aconteceu no Wall Mart, em New Orleans.

### **20-Meio de transporte**

Estando na Europa, use o transporte ferroviário: trem ou metrô. Vá de metrô até o aeroporto. Ir de carro é demorado, o trânsito é lento. Você pode perder o voo. De trem, a viagem é sem tensões, despreocupada.

Nos Estados Unidos, use o ônibus ou alugue um carro.

No mundo árabe, na Índia, na África, alugue um carro com o motorista. Este motorista resolve mil problemas. Principalmente, locais a visitar, hotéis, restaurantes, facilidades de compra...E vai resolver seus problemas com as línguas locais. Só no continente africano são mais de 1750 línguas.

### **21-Viajando na África: checagem da passagem de avião e do passaporte**

Na África, ao sair de um país para outro, faça a checagem de sua passagem e de sua reserva com 3 dias de antecedência. Se sua reserva foi feita antes, não acredite. Vá à empresa aérea e verifique se está realmente confirmada. Se não fizer isto, o mais certo é que vão dar seu lugar a outro passageiro insistente. Cheque o horário de saída do voo. Saiba que raramente respeitam os horários e as passagens marcadas com muita antecedência: tudo tem que ser checado. Ao sair para a viagem chegue ao aeroporto mais cedo. Prepare-se para o *overbooking*. Normalmente, uma gorjeta resolve até vaga em avião lotado. Desconfie da informação dada pelos atendentes: tudo pode ser mentira. Marque sua bagagem com etiquetas de qualidade. Se a etiqueta for perdida, durante os transbordos, é mais certo que nunca mais veja a sua mala. Mala sem etiqueta é mala roubada. Esteja atento às falhas locais. Sua passagem pode estar marcada erradamente, em outro horário.

Se sua passagem tiver muitas conexões sequenciais, ao perder um voo marcado, suas conexões seguintes serão automaticamente canceladas.

Seu hotel pode não estar reservado. No hotel, não fique no último andar, pois pode faltar energia elétrica você terá que subir degrau por degrau, mesmo em hotéis 5 estrelas. Fique em apartamentos ensolarados, caso contrário poderá ficar no escuro, ao se barbear.

Já passei por tudo isto e muito mais.

### **22-Dólar ou cheque de viagem?**

Como a moeda do Brasil não é aceita no exterior, a não ser no Paraguai e no Uruguai, é normal que os brasileiros comprem moeda forte para custear as despesas de viagem. Aqui vão algumas recomendações muito práticas. Dólar ou cheque de viagem?

Quando se compra dólar, o normal é se obter a cédula de 100 dólares. Pois fique sabendo que é a nota mais falsificada do mundo. Em alguns países não gostam de receber esta cédula. E você pode ser acusado de passar dinheiro falso. Dá problema. Ao comprar moeda, exija verificação de cédula por cédula. Normalmente, o banco vendedor toma esta providência. Mas, ao comprar de empresas de turismo ou de particulares, melhor se prevenir. Se vai à África francesa (são 15 países), leve euro. É menos falsificado e mais aceito. Se levar cheques de viagem, terá mais segurança



contra furtos. Sendo roubado, vá à polícia local, denuncie, mostre o recibo emitido pelo banco no qual comprou os cheques. A polícia fornece um documento de ocorrência. Com este documento, vá a uma agência do mesmo banco e você receberá outros equivalentes aos que foram roubados. Para isto é necessário escolher o banco certo no momento da compra. Estas casas bancárias só possuem agências em grandes cidades. Esta operação seria impossível no interior. Assim, a escolha criteriosa do banco, ao comprar os cheques de viagem, torna-se vital para o ressarcimento do numerário roubado. E, mais, ao comprar cheques de viagem, guarde o documento de compra emitido pelo vendedor. Este documento pode salvá-lo. Porém, se roubarem seu dinheiro vivo... estará perdido. Dinheiro vivo não se recupera. Você ainda servirá de chacota aos policiais ao registrar a ocorrência.

Que tal uma estorinha para ilustrar?

Aconteceu em Bangui, capital da República Centrafricana.

Cheguei ao hotel ao meio-dia. Havia um grupo de brancos, sulafricanos, se registrando. Eram compradores de diamantes. Solicitaram a caixa-forte do hotel para guardar uma mala recheada de cédulas de 100 dólares. Abriram e mostraram o dinheiro exatamente no momento em que eu pegava a chave do meu apartamento. Fizem contatos e compraram algum diamante, pagaram com parte deste dinheiro, mas foram denunciados e presos por estarem passando moeda falsa. O próprio vendedor os denunciou e deu como prova um pacote de cédulas falsificadas. Ficaram uns vinte dias detidos. Não tinham consulado em Bangui que os pudesse defender. A polícia os extorquiou enquanto pode. Depois, fiquei sabendo que o dinheiro não era falso. Tudo fora armado entre o chefe da polícia e o vendedor de diamantes, que fornecera como prova um maço de notas falsificadas, em cédulas de 100 dólares.

Resumo da estória.

Cometeram 2 erros:

-exibiram a mala de dinheiro ao se registrarem no hotel e dinheiro não se mostra; o dinheiro exibido atijou a cobiça;

-o numerário que trouxeram era em notas de 100 dólares, a cédula mais falsificada do mundo; se tivessem trazido moeda francesa<sup>2</sup>, não teriam passado por esta dificuldade; lá, em Bangui, não haviam especialistas que pudessem certificar as notas em dólar; com esta desculpa, a polícia os manteve na prisão e foram extorquidos; dólar não é dinheiro que se usa correntemente naquela região.

Para que a polícia local os extorquisse, eu mesmo colaborei, inocentemente. Leia a estória completa em Mãe África, pp. 102 e seguintes. Veja a armação completa para arrancar dinheiro dos incautos.

### **23-Viagem em grupo e pequenas estórias.**

Muitos precisam ser guiados no exterior. Não podem viajar sozinhos porque não têm estrutura para vencer os obstáculos. A maioria não consegue falar línguas estrangeiras. Assim, melhor uma excursão guiada, coisa que nunca fiz. Sempre resolvi minhas dificuldades.

Mas, faça o seu grupinho de 4 pessoas. Com 4 pessoas tudo é mais fácil. Dá para conciliar as preferências. Se o grupo for grande, uns gostam de museus, outros detestam. Muitos preferem praia, mesmo estando na Europa. Tem gente que escolhe ouvir boa música. A maioria tem pavor de touradas. E há aqueles que preferem dormir, enquanto as madames compram.

Muito cuidado ao dirigir em países de cultura muito diferente da nossa.

Vou contar outra estorinha.

---

<sup>2</sup> Em 1994, a moeda forte na África francesa era o franco francês. Ainda não circulava o euro.

Na véspera do Natal de 1981, em Ramadi, capital do estado de Al Anbar, no Iraque, ajoelhei-me aos pés de um guarda de trânsito, de mãos postas, para que não me prendesse. Eu estava dirigindo e tinha feito uma enorme besteira no trânsito. Imediatamente, o guarda apitou com energia, com um olhar ferino, e me apontou, dedo em riste! Eu era recémchegado ao país e não sabia uma palavra em árabe. No Iraque, tinham o hábito de prender para averiguar. E, se eu fosse preso, passaria a noite de Natal na cadeia, que não estava nos meus planos. Mas, ao me ver em posição tão humilde, ele sorriu e me liberou sem pedir qualquer documento. E, com certeza, o guarda só falava sua língua materna. Como poderia me explicar sem falar árabe?

Quer ouvir mais uma estorinha? Venha comigo.

Eu trabalhava em Bagdá e minha família morava em um confortável acampamento no deserto de Tulaha, a 220km da Capital, onde a empresa fazia uma estrada. Era uma quinta-feira. E, no mundo muçulmano, a quinta corresponde ao nosso sábado, porque o dia santificado segundo o islamismo é a sexta. Após o almoço, eu estava liberado para passar o fim-de-semana com a família. Como minha carteira de motorista tinha vencido, eu estava com um motorista egípcio, feio e sujo. Como tinha acabado de receber uma revista brasileira, sentei-me no banco traseiro e me afundei prazerosamente na leitura. Ao passar pelo posto policial de Abu Graib, meu motorista bateu boca com o guarda e o carro foi preso. Havia uma irregularidade na documentação do veículo. O guarda indicou o local próprio para o estacionamento de automóveis apreendidos. Estacionado o carro, desci e pedi ao motorista que voltasse a pé e me buscasse um outro veículo para continuar a viagem. Era perto o acampamento da empresa, que possuía uma coleção de carros em condições de viagem. Sentei-me dentro da casinha da guarda e fiquei a esperar, afundado na deliciosa leitura da revista. Mas meu enviado começou a demorar. Levantei os olhos para o policial sentado à minha frente, que me observava há uns 40 minutos. Dei atenção àquele funcionário que detesta ver sua autoridade contestada. Perguntei quantos filhos tinha, a idades dos meninos, onde morava, falei que adorava o Iraque e informei que estaria me dirigindo ao acampamento para passar a sexta-feira com minha família. Ele acompanhou minha conversa com muita atenção. Demonstrou simpatia, pegou a chave e disse: vá ver sua família. Eu, sem carteira de motorista, agradei, peguei o carro e retornei para encontrar meu motorista. Ele já estava regressando. Voltamos ao acampamento, devolvemos o veículo providenciado às pressas e retomamos a estrada comigo ao volante. A viagem correu sem transtornos. Eu sem carteira dirigindo um carro com documentação irregular.

A aparência e habilidade abrem as portas. Em qualquer lugar do mundo, as pessoas hábeis resolvem mil problemas, enquanto as inábeis brigam, são presas e até apanham da polícia. A conversa delicada sobre a família, os filhos, amainou o rigor policial.

Vamos a outro fato?

Naquele país do Oriente Médio, o posto de fiscalização nas rodovias era administrado por guardas armados de metralhadora. E ao pararem o veículo para pedir a documentação, encostavam aquela arma na cara da gente. Que coisa mais desconfortável! Procurar documentos sob a mira de uma metralhadora! E se o fulano estivesse nervoso e puxasse o gatilho? Eu trabalhava em um país em guerra! Resolvi evitar esta situação. Mudei de atitude passando a parar espontaneamente o veículo antes que comandassem. Descia do carro, fechava a porta e cumprimentava efusivamente os policiais.

-Salam Aleikum! Salaaam! Salaam! - Falava alto!

Observei que aquilo os descontraia. Verifiquei que aquela metralhadora apontada gerava um clima muito tenso para eles também. Assim, quando eu descia, às vezes com

um cigarro na mão, um docinho, debaixo daquele sol miserável, o clima se alegrava, as tensões se aliviavam, instalava-se um ambiente de descontração. E, durante 6 meses, atravessei essas barreiras com a carteira de habilitação vencida. Nunca pediam os documentos. Mas, uma vez, tendo que exhibi-los, mostrei minha carterinha do Minas Tênis Clube, de Belo Horizonte. Descontraído, o guarda sorriu e ficou por isso mesmo.

Em Yaundê, capital de Camarões, bastava o guarda me ver ao volante para apitar exigindo a parada do veículo. Solicitava os documentos e sempre achava algo errado. O segredo era não discutir. Dava-se um dinheiro para a cervejinha e pronto. No dia seguinte, tudo se repetia. Mais uma cervejinha e a amizade estava selada. Mas, tem gente que é contra a propina, que não possui este espírito, passando a discutir com o fiscal. Eu tinha um amigo alemão que nunca dava dinheiro, achava um absurdo, discutia, esbravejava e sempre tinha o carro apreendido. Muitas vezes, ocorria às sextas-feiras. Werner ficava sem carro para passar o fim-de-semana, danado da vida, ia lá pra casa jantar comigo e lastimar. Na segunda-feira, ia à polícia que liberava o veículo e ficava por isso mesmo.

Certa vez, saí de Dualá rumo a Yaundê, com minha mulher, recém-chegada dos Estados Unidos. Viagem curta de uns 250km. O guarda rodoviário apitou, ordenando que parássemos. Viu todos os documentos, mandou que abrísssemos o porta-malas, revistou tudo. Nenhuma irregularidade encontrando, passou a verificar os documentos de minha mulher. Após ter visto o passaporte solicitou-lhe carteira internacional de habilitação. Ela argumentou que não estava ao volante. Após esta argumentação o guarda reclamou do sol forte, desanimado. Compreendi as necessidades daquele filho de Deus e dei um dinheirinho para cerveja. Ele ajuntou os calcanhares vigorosamente, bateu continência e desejou-nos boa viagem, como um militar dando ordem de comando, contente em ter encontrado um estrangeiro tão compreensível. Minha mulher, habituada aos Estados Unidos, ficou horrorizada.

Veja como são diferentes os costumes: no Iraque, propina, nem pensar; em Camarões, tudo se resolve com propina.

Mas, aprendi a nunca oferecer dinheiro. É desrespeitoso, humilhante e pode dar muito problema. Os corruptos pedem: não é necessário oferecer. Mas o diálogo deve ser a dois. Há que se criar a oportunidade.

Veja esta estorinha muito instrutiva.

Em 1975, fui ao Congresso Panamericano de Engenharia, em Caracas. No aeroporto do Rio, na hora do embarque, fomos avisados que o voo estava muito atrasado. A aeronave apresentara um problema no Panamá.

A companhia aérea passou a distribuir *vouchers* para um luxuoso hotel. A meu lado, um senhor grandalhão puxou conversa:

-Só vamos sair daqui amanhã. Até que reparem o avião...

Dirigimo-nos ao hotel em ônibus fretado pela empresa. Ao chegarmos ao balcão, o atendente disse que todos os apartamentos estavam lotados. Quem chegou primeiro, levou. A pressão sobre os funcionários era grande. Passageiros vociferavam. Um grupo de professores de São Paulo foi convencido a ficar desfrutando o agradável ambiente do hotel, a passear pelos salões, bares, restaurantes, porque, afinal, o atraso não seria tão grande. Eram umas 18h e, certamente, lá pelas 22h seríamos embarcados. Aproximei-me do tal grandalhão, que era executivo de uma grande empresa paulista. A gente já tinha engrenado boa comunicação. No meio daquele tumulto, ele olhou fixamente o atendente, que estava meio atordoado com tanta solicitação impossível e ordenou:

-A chave da suíte presidencial!

Deu certo. Incontinentemente, o funcionário deu-lhe a chave. Subimos juntos abandonando aquele ambiente cheio de conflitos. Ao entrarmos na suíte fiquei maravilhado. Eu era jovem e nunca tinha visto tanta mordomia. Certamente, ali poderiam ser alojadas umas 10 pessoas. Eu estava apreensivo por ser inexperiente. Meu novo amigo puxou o telefone ordenou um cesto de frutas frescas e champagne. Afinal, uma suíte presidencial sem champagne e sem frutas?... Imediatamente, apareceu um batalhão de garçons, com toda amabilidade. Afinal, aquela suíte era reservada a gente muito importante. Mergulhado na prestigiosa bebida, meu novo amigo telefonou a uma namorada que apareceu com mais duas garotas. Eu, como era bobo, fiquei atordoado com toda aquela festa, com tanta comida e bebida que as meninas pediram. Fiquei sem saber o quê fazer. Afinal, poderia vir uma conta muito elevada para o meu nível. Quando as garotas se retiraram, lá pelas 23h, meu companheiro já dormia. Desci até a recepção e vi grupos de passageiros dormindo nos sofás, exaustos, querendo banho e cama. Escolhi 3 professores, que me pareceram mais próximos e os alojei em nossa suíte. Ficaram muito agradecidos. No dia seguinte, lá pelas 7h, fomos acordados para o embarque. Chamaram uma vez às 6h30min, outra vez às 7h, outra vez às 7h30min e eu já estava nervoso porque meu companheiro não se apressava! Meu Deus, a gente pode perder este avião! Mesmo com o coração pequenininho, não abandonei o novo amigo. Os professores paulistas já tinham partido. E eu estava com muito receio de ter que pagar a conta. Afinal, havíamos patrocinado uma festa! Com muito custo, ao chegarmos ao café, a companhia anunciou o último chamado. Eu, impaciente, interpelei meu colega. Ele, na maior tranquilidade, mostrou-me a tripulação da aeronave tomando café na nossa frente, na maior calma do mundo. Fiquei menos nervoso. Tomamos café e saímos no último ônibus. Nem a conta da suíte foi assinada. Pensei comigo: Ah! se eu soubesse que tudo iria ser de graça!

Em Caracas, no setor de imigração, os professores estavam em tumulto porque muitos não tinham visto de entrada. O grandalhão comentou a inexperiência dos mestres. Ele também estava sem visto. Chegada a sua hora, muito confiante, abriu o passaporte, pôs 10 dólares dentro do mesmo, discretamente, e o apresentou ao policial encarregado do serviço de imigração. O funcionário abriu o documento, viu o dinheiro, escorregou a cédula discretamente e bateu o carimbo com energia liberando meu colega como se nada tivesse acontecido. E os professores de São Paulo, depois de muita luta, conseguiram um visto provisório de 3 dias.

Nunca mais vi o grandalhão. Mas ficou-me na mente a lição de habilidade para enfrentar situações inusitadas. Que competência!

Anos mais tarde, no aeroporto de Dualá, em Camarões, o voo estava lotado. Apliquei o mesmo truque aprendido em Caracas: pus uma gorjeta dentro da passagem aérea e entreguei à atendente no guichê do *check in*. Quando a moça percebeu a gorjeta ela disparou em direção à sala de embarque, me puxando pelo braço, para que eu não perdesse o vôo. Já tendo vencido as dificuldades, o embarque ainda atrasou alguns minutos. Acredito que ninguém tenha percebido a propina pois ela foi muito habilidosa. Meu pai também tinha o hábito de dar gorjeta. Quando chegou aos oitenta anos, e adoeceu, passou a ter freqüentes internações hospitalares. Primeiro, recusou a se tratar na capital, por ser mais um desconhecido no meio daquela multidão de pacientes. Segundo, ao ocupar o apartamento, chamava as enfermeiras que, supostamente, iriam atendê-lo e dava uma boa gorjeta. E justificava:

-Coitadas, elas são pobres e têm filhos...E, na hora da emergência, são elas a me socorrer, porque os médicos estarão longe..., nas fazendas, nas casas de campo...

No Paraguai, conheci um general, na época, Ministro do Interior, que havia abolido de seu dicionário a palavra não. Para ele, este vocábulo era maldito. Só servia para prejudicar as relações. Nunca vi alguém com tamanha habilidade! Seu ajudante de ordens, um coronel do exército, falou-me longamente sobre a reconhecida e admirada qualidade de seu chefe. Naquela época, ele ocupava seu terceiro ministério: ou seja, tinha sido titular de 2 outros e estava servindo como ministro há 28 anos. Era hábil!

Vamos ler mais uma estorinha curiosa?

Em 1991, ao passar pela alfândega em Teerã, apreenderam meu violão. O funcionário argumentou que eu iria tocar música ocidental, trazendo más influências culturais ao povo iraniano, tão puro em sua fé islâmica. O instrumento poderia ficar retido na alfândega por 6 meses. Desta forma, a sair do país, eu recuperaria meu “companheiro” de hotel. Uma tardinha, ao sair do escritório, estava a comprar cerejas<sup>3</sup> quando fui abordado, em francês, por um jovem estudante de diplomacia. Contratei-o como meu professor de persa. Ele vinha ao hotel e me ensinava aquele precioso idioma, de origem sânscrita, que tanto influenciou o grego, após a grande conquista de Alexandre. Um dia, discutindo sobre a escala musical iraniana, que é diferente da nossa<sup>4</sup> ele quis me ouvir ao violão<sup>5</sup>, já que meu instrumento estava em Teerã, apreendido, na alfândega. Ele era o rei do jeitinho. Três dias depois, consegui recuperar o pinho.

#### **Moral da história:**

-Quem sempre se julga com razão passa a vida a discutir. Ter sempre razão mais humilha do que ajuda.

-Existem muitas maneiras de se conseguir algo. Mas existe uma forma através da qual nada se consegue: discutindo.

#### **24- Evite países em conflito**

Parece óbvio, não é? Não visite a Nigéria. Já trabalhei em uma empresa na qual tínhamos que evitar voos com escala em Lagos. Lá, tudo pode acontecer. Mas tenho um amigo que trabalhou com sucesso naquele país.

Veja bem o nível do qual estou falando. Preste atenção.

O Chico<sup>6</sup> me contou e eu acredito.

Em Lagos, de manhã, meu amigo dirigia-se ao trabalho e passou por um defunto estirado em uma rua movimentada. À tarde, constatou que o corpo ainda não tinha sido removido. Os carros já tinham estilhaçado uma parte do mesmo. No dia seguinte, já se encontrava sem a cabeça e alguns membros já separados se espalhavam esmigalhados no asfalto.

-Você acha que seria seguro fazer turismo em um país com este tipo de organização?

Certamente o falecido pertencia a alguma tribo discriminada. Por isto seu corpo não fora removido.

Meu mordomo, em Yaundê, falava que na Nigéria falsos amigos podem te vender, como carne. Você pode ser atraído com amabilidades, ser embebedado e vendido a antropófagos. Será? Não acredito que cheguem a tanto. Mas, Damien, que era do Chade,

<sup>3</sup> Teerã é região produtora de cereja, ameixa e pistache.

<sup>4</sup> Se quiser saber mais sobre nossa escala musical, leia o texto do livro A Proporção Áurea, pp . 30 e 31, que pode ser baixado gratuitamente do meu site [www.africamae.com.br](http://www.africamae.com.br).

<sup>5</sup> Sempre toquei e cantei: repertório curto e mal tocado.

<sup>6</sup> Eng. Francisco Alberto Guiss, de Curitiba.

contava coisas terríveis sobre a Nigéria, que possui 25 grandes reis<sup>7</sup> com leis próprias, seculares, não escritas, contrapondo à República, que só existe no papel.

No Iraque, em 1979-80, turistas visitando o Curdistão foram raptados e só apareceram 6 meses depois.

Evite países que tenham conflito étnico.

Se duas nações forem inimigas, evite viajar de uma para a outra: da Índia para o Paquistão, da Grécia para a Turquia, de Israel para uma nação árabe. A África é cheia de conflitos étnicos. Evite-os. Mas possui regiões pacíficas, acolhedoras e lindíssimas.

### **25-Racismo**

-Você já foi discriminado no exterior? Eu já fui. Sou branco, mas meu companheiro era escuro, quase preto. E, por causa de sua cor, em 1985, fomos obrigados a deixar o hotel, em Veneza, praticamente escoraçados como gentinha pelo proprietário do estabelecimento, ao constatar que seus funcionários, infelizmente, haviam deixado entrar uma pessoa de cor.

Confesso ser muito desagradável a discriminação. Eu quis reagir, mas meu colega me convenceu a não discutir. Ele era humilde e estava habituado à discriminação.

Se seu companheiro de viagem for discriminado, você vai junto.

Tenha consciência de que o Brasil é muito diferente do resto do mundo.

Quando ouço falar em discriminação racial no Brasil, fico pensando no maravilhoso povo que temos e no enorme contraste com qualquer outra nação do Planeta. O que resta de discriminação racial em nosso país é apenas uma gota do oceano que outrora existiu. Entre nós, a miscigenação, que é presente em todos os lares, fez evaporar o fétido líquido discriminatório. Resta ainda uma gota.

Mas a Europa ainda é muito racista.

Recentemente, em um documentário da BBC, aprendi que no final do século XIX o rei Leopoldo, da Bélgica, fez construir em seu país um belo jardim zoológico com animais africanos. Entre esses animais, haviam famílias de negros exibidas como exemplares vivos de primatas do Congo Belga. Já pensou a população de Bruxelas recebendo esse tipo de instrução? As crianças tomando refresco, comendo pipoca e vendo famílias humanas enjauladas como exemplo de primatas da selva africana.

O Velho Continente já melhorou muito, embora muitos brasileiros ainda sejam diariamente discriminados na Europa.

Mas não deixe de realizar a viagem de seus sonhos, sempre fascinante. Algumas empresas aéreas vendem a preços módicos bilhetes volta ao mundo. Mais barato do que imagina.

No ANEXO, encontrará um texto de Mãe África descrevendo uma viagem a vários países africanos. Não se assuste que é assim mesmo.

Boa viagem!

Fidencio Maciel, Caroba, outubro de 2009.

FIM

## **ANEXO**

---

<sup>7</sup>No Apêndice de Mãe África existe uma relação dos grandes reis nigerianos. Para o mundo, a Nigéria é uma república. Mas isto é papel. O poder tradicional manda e desmanda, dependendo da região.

**Texto extraído de Mãe África, op. cit., pp. 85 a 92,**  
[www.africamae.com.br](http://www.africamae.com.br).

“Novembro de 1994. Eu havia recebido a incumbência de ir ao Quênia, a Uganda e a Burquina Faso, ainda antes do Natal. O tempo era curto para fazer o estudo de mercado solicitado pela empresa. Havia ainda um agravante: eu teria que passar por Miami para apanhar o resto da mudança de Cristina, que havia terminado o seu mestrado na Universidade de Nova Orleans, devendo chegar a Belo Horizonte, carregado de malas, para a festa natalina. Avizinhava-se um périplo difícil. Certamente, cheio de situações não previstas. Em Iaundê, marquei as passagens: Dualá-Quinchaça (no Zaire)-Nairobi-Dualá; não consegui marcar os vôos Nairobi-Entebe-Nairobi, tendo que fazê-lo ao chegar à capital queniana; marquei também Dualá-Abidjã-Dualá, mas não consegui marcar Abidjã-Uagadugu (capital de Burquina Faso)-Abidjã; e, finalmente, Dualá-Paris-Miami-Santa Cruz de la Sierra (Bolívia)-Belo Horizonte. Nas proximidades do atal os vôos são sempre lotados e reprogramá-los é tarefa quase impossível. Eu tinha trinta dias para esta maratona e esperava fazer um belo estudo de mercado que deveria ser enviado a Belo Horizonte à medida que fosse sendo concluído. A empresa tinha pressa. Cristina aproveitou a oportunidade para conhecer o Quênia e Uganda. Retornando a Dualá, iria a Nova Orleans apanhar o restante de sua bagagem que havia ficado para trás. Teria que voar Dualá-Paris-Houston-Nova Orleans-Miami (onde deveríamos nos encontrar)-Santa Cruz-Belo Horizonte. Uf! Tudo programado, o primeiro trecho Dualá-Quinchaça-Nairobi transcorreu bem, com um pequeno atraso de duas horas. Nairobi impressiona bem. Há grande afluxo de aviões a esta cidade. Para ser preciso, trinta e sete companhias aéreas chegam à capital do Quênia. O turismo é impressionante. Bons hotéis e bons serviços. Sob este aspecto, não parece África. Mas a cidade é bem pobre. Grande parte do Quênia é coberto por belíssima savana. O abundante pasto natural permite o desenvolvimento dos grandes animais africanos. O País é muito bonito, como se vê no cinema. O meu trabalho de coleta de informações avançou com facilidade. Eu não tinha nenhum contato no país, mas foi fácil chegar às pessoas que decidem e fui muito bem acolhido. Faço um comentário: o africano é muito aberto, amável e recebe com satisfação o estrangeiro. Por outro lado, o europeu é frio. Recebe e passa as informações profissionalmente. O árabe é desconfiadíssimo! Há necessidade de um intermediário que seja amigo, para se ter acesso a quem possa informar. E como é difícil este tipo de trabalho no mundo árabe! Morei quatro anos em Bagdá e sou calejado nesta matéria. Mas, depois que fazemos amizades, o que não é fácil, há muito calor humano e o contato torna-se privilegiado. Consegui, com facilidade, os vistos de entrada em Uganda. Foi fácil obter as passagens Nairobi-Entebe. Aproveitei para tirar o visto para Burquina Faso. Também em Uganda tudo transcorreu com facilidade. A amabilidade africana é muito doce. Tendo retornado a Nairobi, o primeiro imprevisto: nossos nomes não constavam na lista de passageiros para Dualá. Fiquei furioso no escritório da companhia aérea. Logo este tipo de imprevisto! O voo estava lotado! Simplesmente, cancelaram as nossas reservas em benefício de amigos, o que é comum nesta parte do mundo. Existiam apenas dois voos semanais para Dualá. Desta forma, a atendente solicitou-nos que esperássemos até o fim do dia, pois, talvez, uma desistência pudesse nos beneficiar. Tivemos uma jornada tensa e angustiada. Ao retornarmos ao maldito escritório, encontramos a atendente sorridente e esperançosa. Informou que o avião continuava lotado, mas, que havia descoberto um erro nas reservas: disse que o aparelho chegaria às 22h, para decolar às 9h30min da manhã seguinte; e, que neste avião, estaria chegando e retornando uma turma de dezessete advogados, o que não lhe parecia possível; estes advogados estariam vindo para um congresso e não lhe parecia cabível que estivessem vindo de Dualá e retornando a esta cidade, praticamente, no mesmo dia. Assim, concluiu que poderíamos embarcar na manhã seguinte. Desta forma, voltamos ao hotel menos tensos e com muita esperança. Na manhã seguinte, tomamos todos os cuidados para chegar ao aeroporto bem antes da hora exigida. Apresentamo-nos para o *check-in*. Nenhum problema. Que alívio! Dentro do avião, Cristina começou a conversar com o cavalheiro ao lado. Era um nigeriano alegre e bem vestido. Comentou sobre a política em seu país. Disse que tudo

estava indo bem. Falou que era advogado. Que chegara neste mesmo aparelho, cansadíssimo, na véspera, a uma hora da madrugada, vindo de Dualá. E que estava retornando a Dualá e a Lagos. Cristina perguntou como alguém podia chegar e partir, desta forma. Informou que ficara sem jantar e que mal havia dormido, mas que não estava só: eram dezessete advogados nigerianos que tinham vindo para um congresso em Nairobi, mas chegaram atrasados. Deveriam ter chegado no sábado. O congresso seria realizado de domingo a quarta, como de fato o foi. Na quinta-feira, portanto, neste voo, estariam retornando a Lagos, via Dualá. A esta altura, não entendi o porquê da ida a Nairobi, já que a finalidade da viagem era o evento que acabara de terminar. Explicou que saíram de Lagos no sábado, com destino a Dualá e Nairobi. Mas, tendo chegado a Dualá, a empresa aérea cancelou o voo até Nairobi e os alojou em um hotel. Foram, então, colocados no voo seguinte, que se realizou na quarta-feira. Chegando ao Quênia, retornaram a Dualá no vôo originalmente previsto. Explicou que a companhia pagara as despesas de hotel, em Dualá, exceto bebidas e extras. Estava contente. Contou tudo às gargalhadas. Informou que não sabia explicar porque tinham vindo a Nairobi, já que o objetivo da viagem era o seminário que havia terminado. Disse também que não receberam nenhuma explicação sobre o cancelamento do vôo Dualá-Nairobi. Mas demonstrou não estarem aborrecidos com o ocorrido, pois tinham farreado em Dualá. O grupo era alegre e, não obstante o cansaço, estava bem humorado. Pensei que pudessem ser funcionários públicos e que teriam feito a viagem completa por formalidade burocrática, para receber as diárias, por exemplo. Mas enganei-me. Tinham pagado a viagem do próprio bolso. Cristina, muito habituada aos costumes americanos, sugeriu que processassem a companhia, já que eram advogados. O nosso interlocutor se surpreendeu dizendo que seria uma boa idéia. Faço aqui um comentário. A estorinha é muito rica em detalhes ilustrativos. Os africanos são habituados a péssimos serviços e não estranham quando uma falha acontece. Acreditam também que o homem pouco pode interferir nos acontecimentos, tudo sendo obra do destino. Desta forma, talvez tenha sido melhor assim. E não são escravos dos compromissos. O compromisso maior é com a vida. Assim, caíram na farrá em Dualá, que é uma cidade cheia de mulheres. Também não pensaram em um ressarcimento dos prejuízos causados pelo cancelamento do voo. A justiça funciona muito mal, sendo este caminho muito pouco utilizado. Quando querem obter alguma coisa, dirigem-se à magia. Aí realizam todos os sonhos, mesmo os mais difíceis.

Continuando a viagem... chegamos a Dualá. Descemos. Constatamos a falta de uma mala, que não teria embarcado. A atendente foi solícita: mandou fazer uma checagem no avião para se assegurar de que a mala não teria embarcado. Simultaneamente, solicitou-me os dados referentes à bagagem faltante, para que pudesse ser localizada posteriormente. Opus-me a fornecê-los. Argumentei que seria melhor verificar com cuidado, no avião. O aparelho iria para Lagos, e, se a mala fosse também, adeus. A cidade de Lagos é a campeã absoluta da desordem e da roubalheira. E nossa mala estava cheia de peças de artesanato, compradas no Quênia e em Campala. E, se eu fizesse apenas a reclamação, poderia ser roubado até no aeroporto de Dualá, também famoso pelas irregularidades. Com este pensamento, insisti, mais uma vez, que recheassem o avião. A moça se negou. Argumentou que tudo já tinha sido feito. O aparelho já estava recebendo os passageiros para Lagos. Pressionado pela circunstância, decidi ir ao avião, no peito. Reto como o destino, tomei o caminho não usual. Desci caminhando do segundo andar do prédio do aeroporto para a pista pela esteira rolante das bagagens. Andei rápido. Quando me alcançaram eu já estava lá embaixo, correndo para o avião, sob uma chuva fininha. O funcionário, ofegante, me alcançou já chegando ao aparelho. Em trinta segundos localizei a mala. Voltei vitorioso, de coraça sobre uma empilhadeira, carregando o meu troféu. Pequeno comentário: na África, a preguiça é grande. Quando dizem que não conseguiram, é mais certo que não se tenham empenhado.

Continuando a viagem...Cristina havia embarcado sem contratempos para Paris. Lá, perdeu o passaporte. Com facilidade outro foi obtido. Mas foi difícilíssimo o visto americano. Quase uma tragédia. Passaporte novo, sem outras referências, foi humilhada no Consulado americano, apesar das cartas de apresentação que, sequer, foram lidas. Se não falasse bem o inglês, não teria

conseguido. Mas, como tem mestrado nesta língua e experiência internacional, fez jus a um precário visto de entrada na terra do Tio Sam. Assim, com cinco dias de atraso embarcou para



Houston, onde a maior parte de sua bagagem já a esperava, pois tinha sido despachada diretamente da África. Que sufoco! Continuando a estória... no aeroporto de Dualá apresentei-me para o embarque rumo a Abidjã, capital da Costa do Marfim. Deveríamos decolar às 20h. Às 22h eu já estava inquieto. Todos os passageiros na sala de embarque. O aparelho abastecido. Nenhuma explicação para a demora. Às 23h30min fiquei sabendo, após conversar com diversos passageiros, que o avião estava bloqueado pelo próprio caminhão que o havia abastecido. O quê? Dei uma olhada pela janela e vi que, realmente, o dito caminhão se encontrava com o baú elevado, com as quatro patas apoiadas no solo, empacado, colado à traseira da aeronave. À meia-noite, após quatro horas de espera, chegou um funcionário gesticulando energicamente e ordenou que levantassem as patas do caminhão e o empurrassem a braço. Em cinco minutos, o veículo foi deslocado uns dez metros, desbloqueando a asa direita do aparelho. Deu-se o embarque. Houve aglomeração e empurra-empurra na escada da aeronave. Prevendo coisa pior, disputei um lugar na fila e entrei, finalmente. Os passageiros não estavam obedecendo a marcação de lugares. Uma bagunça. Tomei acento. Aconteceu o que eu havia imaginado: o último passageiro ficou sem lugar. Era uma mulher que vociferava. Foi empurrada para fora, escada a baixo, aos gritos e solavancos. Uf! Cheguei a Abidjã de madrugada e dormi no sofá da sala do Aeroporto. De manhã, comprei com facilidade a passagem para Uagadugu, ida e volta. Às nove, decolei exausto.

Uagadugu é empoeirada, devido à proximidade do Saara. O vento do deserto traz uma poeira fininha que cobre a cidade. Lembrei-me de Bagdá, que possui esta característica. Isto faz com que todas as janelas tenham que permanecer fechadas, evitando a sujeira. Foi fácil o trabalho em Uagadugu. A mesma abertura, a mesma simpatia, o mesmo calor humano. Que facilidade para quem já enfrentou o mundo árabe! Minha primeira providência foi confirmar, na empresa aérea, a minha volta a Abidjã. Confirmada, trabalhei sem tensão. Obtive as informações sobre os novos projetos, analisei a concorrência, fiz o meu relatório sobre o país e o enviei por fax, com a consciência do dever cumprido. Afinal eu tinha conseguido fazer o Quênia e Uganda em tempo recorde. Agora, o Burkina. Mais relaxado, fiz compras na belíssima feira de artesanato. Pela *finesse* do artesanato local, descobri facilmente que há bom gosto e sofisticação, denunciando uma certa elegância que se reflete nas relações humanas. Em Camarões, não encontramos este refinamento. Outra vez, lembrei-me de Bagdá, onde o artesanato é grosseiro. As relações humanas têm pouca elevação: são grossas. Diferentemente, em Teerã, encontra-se o mais fino e caro artesanato do mundo: o tapete persa, que denuncia uma cultura sofisticada e milenar. Sempre, quando visito um país pela primeira vez, vou ao mercado, para saber se a população come bem. E para encontrar a alma do povo. Esta providência é a primeira a ser tomada e a mais importante. O ambiente do mercado nunca é artificial e mostra as crenças, a forma de pensar e de viver do povão. Assim, finda a jornada de trabalho, com o espírito bem leve, apresentei-me para o embarque, na minha viagem de retorno. Surpresa: o voo estava lotado e havia um excesso de 32 passageiros, com passagem confirmada, mas, sem lugar. Eu, mais uma vez, em dificuldades. Meu Deus! Fiquei nervosíssimo, com a possibilidade de perder aquele voo. Poderia perder a minha conexão para Miami. E o encontro com Cristina, nos Estados Unidos? Malas e malas de mudança, depois de ter estado na América por dois anos...Mas o atendente foi muito educado. Informou que o avião estava vindo de Jedá, na Arábia Saudita, e que os árabes têm pouca disciplina, superlotando a aeronave. Disse que iriam fretar um avião pequeno, para os 32 passageiros excedentes. Puseram-se a telefonar para Abidjã, com a finalidade de alugar um aparelho que pudesse ir a Uagadugu buscar estes passageiros. Minha conexão para Dualá seria na manhã seguinte. Ainda havia tempo. Muito atenciosos, os atendentes distribuíram *vouchers* para o almoço dos excedentes prejudicados, enquanto embarcavam os felizardos. As bagagens dos 32 estavam no chão, em frente ao guichê do *check-in*. Hora do almoço, subimos ao restaurante, no segundo andar, lamentando a má sorte, cada qual com a sua estória de dificuldades e de ansiedades. Alguns funcionários tranquilizavam os passageiros, garantindo que seriam embarcados ainda no decorrer da tarde. Comi a salada servida como entrada. Estava sem fome. Fiquei preocupado com as minhas malas, abandonadas no primeiro andar. Tinha medo que fossem roubadas. Assim, dispensei o restante do almoço e descí. Localizei a minha bagagem, o que me deu um certo alívio. Sentei-me sobre elas e

comecei a ler um livro. Os atendentes estavam finalizando o embarque dos últimos passageiros. Um funcionário cochichou a outro, em caráter confidencial, apressado:

– Ainda há um lugar no avião!

Incontinenti, dei um pulo e disse:

– É o meu!

Ele respondeu:

– Onde está a sua passagem e a sua bagagem?

Entreguei tudo, recebi o cartão de embarque, passei pela alfândega, pela imigração e voei em direção à pista: o último passageiro!

Chegando a Abidjã, reconfirmei o meu vôo para Dualá, para a manhã seguinte. No outro dia, fiquei sabendo, já na fila de embarque, que os 31 passageiros vindos de Uagadugu haviam chegado às duas da manhã. Entre eles, havia um que tentava, desesperadamente, embarcar para Dualá. Explicou que a companhia aérea dera a outro o seu lugar, já que ele não tinha chegado de Uagadugu no voo previsto. Explicou que, na África, temos que emitir passagens com voos desmembrados, um do outro. Se a passagem for emitida em bloco, com diferentes escalas, ao perdermos um embarque, automaticamente as conexões seguintes são canceladas. Com esta, aprendi mais uma.

E agora, caro leitor? Acha que o restante da viagem transcorreu bem? Deu tudo certo: de Dualá voei para os Estados Unidos e me encontrei com Cristina em Miami, carregada de malas, vindo de Nova Orleans. Apenas um pequeno incidente: ao embarcar de Miami para Belo Horizonte, o voo foi cancelado e fomos mudados de companhia aérea. Desta forma, não passamos pela Bolívia. Esta estorinha mostra a tensão com que se trabalha no continente africano. É muita emoção, não é mesmo? Quando trabalhava em Bagdá, de 1982 a 1986, havia a guerra Irã-Iraque. A tensão era ainda mais forte. De vez em quando, um foguete arrasava um edifício, uma escola, uma ponte... Meu Deus! Eu já podia ter morrido.”

FIM

# Brasileiros foram os mais barrados na Espanha em 2009

11/01 - 16:36 - BBC Brasil



-  Comentar
- [Imprimir](#)
- [Enviar](#)
- [Corrigir](#)
- [Notícias SMS](#)
-  RSS
- [Fale Conosco](#)

**Os brasileiros foram o grupo mais barrado no aeroporto de Barajas, em Madri, em 2009, segundo dados divulgados nesta segunda-feira pelo Ministério do Interior da Espanha. No ano passado, de cada cinco estrangeiros barrados, um tinha passaporte brasileiro.**

Os dados do governo indicam que 1.902 brasileiros foram impedidos de entrar na Espanha e deportados do aeroporto no ano passado, 21% do total de 9.215 barrados.

A nacionalidade foi a mais impedida de entrar no país pelo segundo ano consecutivo, já que em 2008 os brasileiros também ficaram no topo da lista dos barrados.

## Crise

Segundo o Ministério, a cifra é mais baixa do que a do ano anterior em função da crise econômica. No entanto, apesar da queda de 33% no número de passageiros devolvidos, há três nacionalidades que continuam na mira da polícia de imigração espanhola: brasileiros, venezuelanos e paraguaios.

Só em dezembro último, 8.200 venezuelanos e 6.600 brasileiros entraram no país com visto de turista, conforme os registros policiais do aeroporto.

"O problema é que em quatro anos a chegada de cidadãos destas nacionalidades aumentou de forma alarmante. Não há uma perseguição contra passageiros brasileiros ou venezuelanos, mas as estatísticas falam por si. O aeroporto de Barajas não pode ser um coador", disse à BBC Brasil um porta-voz do Ministério do Interior.

Em 2008, houve 11.886 passageiros barrados. A maioria era da América Latina, principalmente do Brasil: 2.764 (23% do total) seguidos por paraguaios, venezuelanos, hondurenhos e argentinos. Somente na primeira semana de 2010, a média já foi de 25 deportações por dia.

## Conflito

A vinda em massa de brasileiros à Espanha chegou a provocar um conflito diplomático entre os dois países.

Além do grande número de deportados (535 em fevereiro de 2008), um incidente envolvendo professores universitários que participariam de um congresso e foram barrados provocou a intervenção do Itamaraty.

O governo adotou uma política de reciprocidade e as autoridades de imigração barraram 24 turistas espanhóis no que ficou conhecida como "a guerra das deportações". O conflito diplomático terminou com um acordo político e um pedido de desculpas do ministro do Interior espanhol, Alfredo Pérez Rubalcaba.

Outro caso com repercussão na imprensa foi o da brasileira Janaína Agostinho, que passou uma semana detida na sala de barrados do aeroporto de Barajas em março de 2008, impedida de visitar o noivo espanhol que a esperava no saguão.

Apesar de ter um advogado contratado pelo noivo e mostrar à polícia todos os documentos requisitados - passaporte em vigor, 500 euros em dinheiro, seguro de saúde, passagem de volta e reserva de hotel - a brasileira foi deportada.

Segundo o noivo dela, José Lupiañez, a polícia disse que alguns documentos eram inválidos por serem

cópias sem demonstração dos originais, mas a razão da inadmissão teria sido outra.

"Para mim, foi um caso de xenofobia mesmo, porque aqui (na Espanha) virou moda dizer que os brasileiros vêm para cometer delitos, vêm para se prostituir e que todo mundo que entra, quer ficar", disse Lupiáñez à BBC Brasil.

A polícia do aeroporto explicou à BBC Brasil que a brasileira "esteve na sala de inadmitidos do aeroporto em cumprimento da lei que obriga a mesma companhia a transportar de volta o passageiro que viajou em situação irregular".

Como ela voou com a extinta companhia aérea Air Comet, que fazia a rota entre Madri e Natal uma vez por semana, teve de esperar sete dias para encontrar vaga, segundo a polícia.

### **Argentinos**

A Associação de Advogados de Madri reconhece que "proporcionalmente, se praticam mais inadmissões de brasileiros, paraguaios e venezuelanos do que de argentinos", disse à BBC Brasil o responsável pelo setor de imigração da organização, Marcelo Belgrano.

"Difícilmente uma autoridade confirmará este fato. Mas é certo que o governo é mais condescendente com os passageiros argentinos. Houve muitas conversas diplomáticas sobre este tema e o resultado é visível nas estatísticas de Barajas", afirmou.

Para entrar na Espanha como turista, é necessário passagem de volta, passaporte, reserva de hotel, um valor mínimo de 60,40 euros por dia de estadia e uma carta-convite escrita por alguém que resida legalmente no país e se responsabilize pelo visitante.

O cônsul do Brasil em Madri, Gelson Fonseca, disse à BBC Brasil que lamenta as situações de vários brasileiros "impedidos de entrar e que passam por experiências desagradáveis, mas a decisão final é da polícia espanhola".